

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio BrazilienseClass.: KaiapóData: 30/10/92Pg.: 13

Caiapós estão contaminados

O professor Antônio Carneiro Barbosa, do Departamento de Química da Universidade de Brasília (UnB), denunciou ontem, em Belém, que a maioria dos índios caiapó do Pará está contaminada por mercúrio. O metal é usado nos garimpos de ouro que funcionam dentro da reserva indígena. A situação mais grave é nas aldeias Gorotire e Kikretun, por causa da intensa atividade garimpeira no rio Fresco, afluente do rio Xingu. Exames feitos na aldeia Kikretun mostraram que 85,7 por cento dos índios estão contaminados.

Carneiro Barbosa analisou 126 amostras de sangue, 178 de urina e 203 de cabelo de índios de várias faixas etárias e também

de 130 garimpeiros. O sangue apresentou índices acima do que a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera tolerável. Na aldeia Gorotire, 50,5 por cento estavam com o sangue contaminado. Os exames de urina mostraram: 35,7 por cento contaminados na Gorotire e 9,3 por cento na Kikretun. As amostras de cabelo indicaram: 30,5 por cento, na Gorotire e 51,1 por cento na Kikretun.

A aldeia Kikretun era chefiada até agosto pelo cacique Tutu Pombo, defensor do comércio entre índios e brancos, com participação nas explorações de ouro e madeira da reserva. Depois da morte de Pombo, assumiu como cacique seu filho Niti, que mantém a política do pai, mas com maior controle sobre a participação dos índios. Quanto ao ouro, por exemplo, Niti estabeleceu que os garimpeiros têm que pagar aos indígenas o equivalente a quase um quilo de ou-

ro por semana. Alguns caciques liderados por Paulinho Paiakan, defendem a substituição do garimpo e extração de madeira. Querem atividades não-predatórias à reserva caiapó, de 3,5 milhões de hectares.

O professor da UnB informou que o mercúrio chega aos índios por intermédio do peixe do rio Fresco, contaminado pelo metal. Geraldo de Assis Guimarães, professor da Universidade Federal do Pará aproveitou o 32º Congresso Brasileiro de Química, em Belém, para alertar sobre a possibilidade de acontecer na Amazônia desastre semelhante ao da baía de Minamata, no Japão. Lá, na década de 60, várias crianças nasceram com deformações em consequência da contaminação por mercúrio. Segundo Assis Guimarães, nos últimos dois meses 35 pessoas foram atendidas em dois hospitais de Belém com sintomas de contaminação por mercúrio.